

As mulheres que voltam do supermercado com a vida nos sacos

written by António Maria Matos | 19 de Abril, 2026

OCIDADÃO
Journalismo Livre

CRÓNICA
António Maria Matos



Há um momento – ninguém o anuncia, ninguém o escreve nas etiquetas, ninguém o inclui no preço final – em que uma mulher pára no corredor dos iogurtes, com uma mão no carrinho e outra suspensa no ar, e aquilo não é indecisão, não é distração, não é sequer cansaço: é cálculo puro, cru, exacto até ao osso, uma equação sem margem de erro onde entram números que não cabem na prateleira, onde entram contas da luz, rendas atrasadas, sapatos que o filho precisa, comprimidos que não podem falhar, e uma espécie de dignidade que insiste em não morrer (mesmo quando tudo à volta parece organizado para a esmagar com delicadeza).

Ela não sabe – ou talvez saiba e recuse pensar nisso – que

está a ser observada por ninguém, invisível como são as pessoas que não fazem barulho, que não exigem, que não se queixam alto o suficiente para incomodar o mundo, e por isso continua ali, naquele gesto mínimo de escolher entre o iogurte de marca branca e o outro, ligeiramente mais caro, ligeiramente melhor, ligeiramente impossível, decidindo entre respirar fundo ou poupar o ar para mais tarde.

(Se alguém lhe perguntasse, naquele instante, o que se passa, ela diria que nada, absolutamente nada, está tudo bem, sempre esteve, sempre estará, porque há pessoas que aprenderam a sobreviver dizendo que está tudo bem, mesmo quando o corpo já começou a desmentir a boca.)

O carrinho não está cheio – nunca está – mas também não está vazio, o que é outra forma de engano, essa sensação de que ainda há controlo, de que ainda há escolha, de que ainda há margem para decidir qualquer coisa que não seja simplesmente aguentar, e ela empurra-o devagar, transportando não produtos mas decisões irreversíveis, pequenas amputações do desejo, concessões que se acumulam como pó invisível nas prateleiras da vida.

Passa pela carne e abranda, não por vontade, mas por memória – sabe o sabor, sabe a textura, sabe o que aquilo significava há anos (não muitos, mas suficientes para parecer outra existência), e há ali um segundo – um único segundo – em que o corpo avança e a mão quase pega, quase ousa, quase acredita que pode, mas depois não pega, não ousa, não acredita, e segue, com uma naturalidade treinada, uma elegância quase cruel (porque há derrotas que são tão discretas que parecem escolhas).

(É aqui que o leitor devia parar, se fosse honesto, e perguntar a si mesmo quantas vezes já fez isto – não com carne, não com iogurtes, mas com sonhos, com pessoas, com versões de si que ficaram por viver – mas não vai parar, vai continuar a ler, porque é mais fácil reconhecer-se nos outros do que assumir-se por dentro.)

Na caixa, o ritual final: ela coloca os produtos um a um, apresentando provas de uma vida organizada, controlada, aceitável, e o som do código de barras a ser lido é quase mecânico, quase anestésico, até surgir o número final, aquele número que não devia surpreender mas surpreende sempre, aquele número que vem acompanhado de um microsegundo de silêncio (imperceptível para quem não está atento, mas ensurdecedor para quem vive ali dentro), e ela ajusta, retira qualquer coisa, acrescenta outra mais barata, reorganiza o mundo inteiro em segundos, com uma precisão que faria inveja a qualquer cirurgião.

(Porque isto é cirurgia, não é compras – é cortar onde dói menos, sabendo que vai doer na mesma.)

Sai do supermercado com os sacos nas mãos – e há um peso ali que não corresponde ao que comprou, um peso que vem de longe, que se instalou ao longo dos anos, que se alimenta de pequenas renúncias e de grandes silêncios – e caminha até casa com um passo que não denuncia nada, absolutamente nada, porque ninguém deve perceber, ninguém precisa de saber, ninguém ajudaria mesmo que soubesse (e esta é a parte mais perigosa: quando deixamos de esperar ajuda, começamos a acreditar que não a merecemos).

A porta abre-se, a cozinha recebe-a com a mesma luz de sempre, e ela pousa os sacos na bancada – devagar, com cuidado, quase com ternura – e ali dentro está não apenas o jantar de hoje, mas a prova de que conseguiu mais um dia, mais uma semana, mais um mês, sem falhar completamente.

E depois há aquele gesto – ninguém vê, ninguém comenta, ninguém escreve – em que ela fica imóvel, por um instante breve demais para ser notado e longo demais para ser ignorado, com as mãos apoiadas na bancada, a cabeça ligeiramente baixa, os olhos fixos em coisa nenhuma, e o corpo inteiro suspenso entre o que foi e o que ainda tem de ser.

(É aqui que tudo acontece. É aqui que a verdade se mostra. É aqui que ninguém está.)

Ela respira fundo – não para se acalmar, mas para continuar – e começa a arrumar, produto a produto, reconstruindo uma narrativa aceitável, reorganizando a própria existência em prateleiras mentais onde cada coisa tem de caber, tem de fazer sentido, tem de justificar o esforço.

E se alguém lhe perguntasse, mais tarde, como correu o dia, ela diria que foi normal, absolutamente normal, nada de especial, apenas compras, apenas rotina, apenas vida.

Mas a verdade – essa verdade que não sai pela boca, que não cabe em palavras, que não interessa a quase ninguém – é outra, e é simples, brutal, incontornável:

há mulheres que não voltam do supermercado com compras, voltam com aquilo que conseguiram salvar de si próprias.